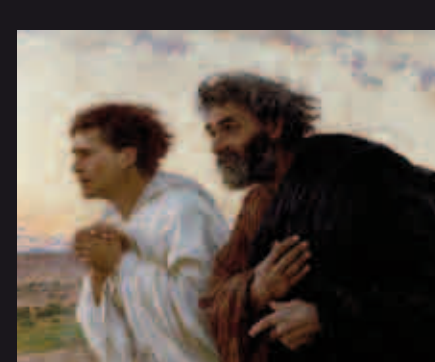


**Na simplicidade
do meu coração,
cheio de letícia
Te dei tudo.**

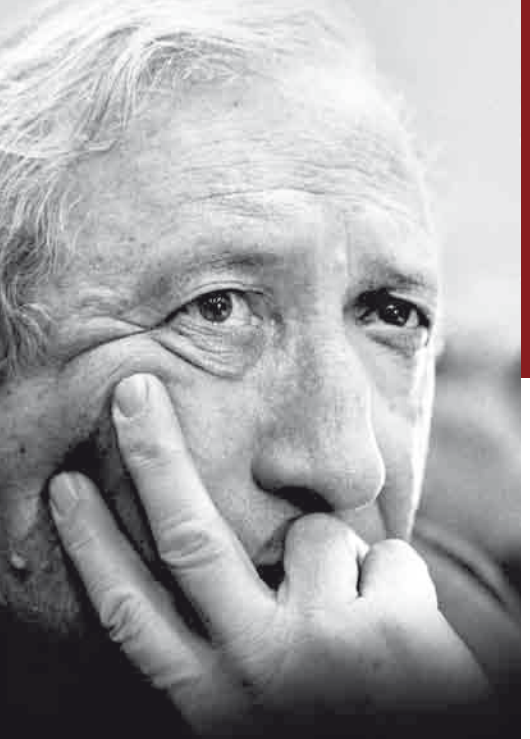
(Oração da liturgia ambrosiana)

10º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE **DOM LUIGI GIUSSANI** (1922-2005)

DA MINHA VIDA À VOSSA



por **COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO**



BREVE HISTÓRICO

1922 15 de outubro: Luigi Giovanni Giussani nasce em Desio (Milão), filho de Angelina Gelosa e Beniamino Giussani.

1928 Dá início à vida escolar.

1933 2 de outubro: Entra no Seminário Diocesano San Pietro Martire, de Seveso.

1937 Passa para o Seminário de Venegono.

1939 Junto com alguns amigos funda o grupo denominado "Studium Christi".

1945 26 de maio: É ordenado sacerdote pelo cardeal Ildefonso Schuster. Obtém a licenciatura em teologia e começa a ensinar no Seminário Menor de Seveso. Assume uma paróquia na periferia de Milão, que, mais tarde, precisa abandonar devido ao surgimento de graves problemas pulmonares.

1946 Têm início longos períodos de convalescência, que duram até 1949.

1950 Recuperada a saúde, retoma o ensino no seminário; aos sábados e domingos realiza serviços pastorais numa paróquia do centro de Milão.

1951 A partir do encontro ocasional com alguns estudantes, amadurece o desejo de se dedicar à educação dos jovens.

1954 Doutora-se em teologia com a tese sobre *O senso cristão do homem segundo Reinhold Niebuhr*. Começa a ensinar religião no liceu clássico Berchet, de Milão. Ao longo do ano, dará aulas também em outras escolas milanesas.

1955 É nomeado Assistente Diocesano da Giovantù Studentesca (GS).

1957 Envolve toda GS na Missão Cidadã, promovida pelo arcebispo Montini. Como guia de GS, renova sua proposta educativa. Envolve os estudantes de GS num gesto de educação à caridade denominado "caritativa", na Bassa milanese.

1958 Reúne-se em torno dele o primeiro núcleo daquela que, depois, será a realidade do Grupo Adulto, ou *Memores Domini*.

1960 Faz sua primeira viagem ao Brasil, primeiro destino dos primeiros jovens de GS.

1964 Começa a ensinar Introdução à Teologia na Universidade Católica de Milão.

1965 Passa os meses de verão nos Estados Unidos para conhecer as formas de associação paroquial. Na volta, deixa a condução de GS, na qual começam a surgir os sinais de uma crise que atingirá o ponto alto em 1968.

1967 Deixa o ensino no liceu Berchet.

1968 Nos meses do protesto estudantil, lança as bases para uma retomada da experiência original do Movimento.

1969 Aparece, pela primeira vez, o nome "Comunhão e Libertação".

1971 Acompanha o nascimento do mosteiro beneditino da Cascinazza (Milão). Encontra, na Polônia, o arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła. Encontra o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, graças ao qual conhece Joseph Ratzinger.

1975 Estabelece um relacionamento de amizade com algumas famílias espanholas, que serão o início de CL na Espanha. No dia 23 de março, Domingo de Ramos, participa, junto com o todo o Movimento, da peregrinação promovida por Paulo VI, na Praça São Pedro e tem, com ele, um colóquio ao final da celebração.

1976 Participa da Assembleia dos responsáveis dos estudantes universitários de CL, que marcará uma reviravolta na história do Movimento.

1979 No dia 18 de janeiro é recebido, em audiência, por João Paulo II. No dia 31 de março, acompanha os universitários de CL na primeira audiência com João Paulo II.

1981 O bispo de Piacenza, Dom Enrico Manfredini, reconhece os *Memores Domini*.

1982 11 de fevereiro: o Pontifício Conselho para os Leigos reconhece oficialmente a Fraternidade de Comunhão e Libertação, da qual é fundador e presidente vitalício.

1983 É nomeado Monsenhor por João Paulo II.

1984 Guia a peregrinação de CL a Roma, por ocasião da audiência de João Paulo II pelos trinta anos do Movimento.

1985 Participa, em Ávila, do encontro da Associação Cultural Nueva Tierra, que tem, entre os seus responsáveis, padre Julián Carrón. Em setembro, Nueva Tierra adere a CL. Junto com os sacerdotes de CL é recebido em audiência por João Paulo II. Acompanha o nascimento da Fraternidade Sacerdotal dos Missionários de San Carlo Borromeo.

1986 Faz uma peregrinação à Terra Santa.

1987 Intervém na Assembleia da Democrazia Cristiana da Lombardia, em Assago (Milão). Faz uma viagem ao Japão, onde encontra um dos líderes do budismo japonês, Shodo Habukawa. Participa do Sínodo dos Bispos sobre os leigos como membro de nomeação pontifícia.

1988 Os *Memores Domini* são aprovados pela Santa Sé, como Associação Eclesial Privada Universal, da qual é fundador e presidente vitalício.

1990 Começa a acompanhar um grupo de pessoas naquela que será a Fraternidade São José.

1991 Deixa o ensino na Universidade Católica, por ter atingido a idade limite.

1992 Guia a peregrinação a Lourdes por ocasião dos dez anos da Fraternidade de CL.

1993 A Santa Sé reconhece o Instituto das Irmãs de Caridade da Assunção, às quais estava ligado desde 1958. Tem início, junto à Editora Rizzoli, a coleção "os livros do espírito cristão", dirigida por ele, que reunirá mais de 80 volumes.

1995 Começa a publicar artigos em jornais leigos, tais como *Il Giornale*, *La Repubblica*, *Corriere della Sera*. Recebe o Prêmio Cultura Católica de Bassano del Grappa.

1997 Com o *Stabat Mater* de Pergolesi começa a coletânea musical "Spirto Gentil", dirigida por ele e realizada por um acordo entre a Deutsche Grammophon e outras casas discográficas, que terá 52 títulos. É apresentada na ONU, em Nova York, a edição inglesa de *O senso religioso*.

1998 30 de maio: Intervém na Praça São Pedro, durante o encontro de João Paulo II com os movimentos eclesiais e as novas comunidades.

2002 11 de fevereiro: por ocasião dos vinte anos do reconhecimento pontifício da Fraternidade de CL, recebe de João Paulo II uma longa carta autógrafa.

2003 Pelos funerais dos militares italianos mortos no atentado em Nassíria, assina o editorial da TG2 RAI.

2004 Por ocasião dos cinquenta anos do nascimento do Movimento, envia a última carta a João Paulo II. Consegue do Arcebispo de Madri que padre Julián Carrón se transfira para Milão, a fim de colaborar com ele na condução do Movimento. Outubro: por ocasião da peregrinação a Loreto, pelos cinquenta anos de CL, escreve a última carta a todo o Movimento. No fim de dezembro, sua situação física sofre uma rápida piora.

2005 22 de fevereiro: Morre em sua casa, em Milão. 24 de fevereiro: os funerais são celebrados na Catedral de Milão, pelo então Prefeito da Congregação pela Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger – como enviado pessoal de João Paulo II –, que faz a homilia fúnebre. É sepultado no Hall da Fama do Cemitério Monumental de Milão, onde repousam os cidadãos ilustres da cidade.

2008 O corpo é trasladado para uma capela recém construída, no Cemitério Monumental. Desde o dia de seu sepultamento, o túmulo é meta de contínuas peregrinações da Itália e do mundo.

2012 22 de fevereiro: ao final da Missa celebrada na Catedral de Milão, no sétimo aniversário da morte de Dom Giussani, padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de CL, anuncia que apresentou o pedido de abertura da causa de beatificação e de canonização de Dom Giussani. A instância foi aceita pelo arcebispo de Milão, o cardeal Angelo Scola.

Tudo para mim transcorreu na mais absoluta normalidade, e só as coisas que aconteciam, à medida em que aconteciam, suscitavam maravilhamento, de tanto que era Deus quem as realizava, fazendo delas a trama de uma história que me acontecia – e me acontecia – diante dos meus olhos.

Luigi Giussani

//

**Suponhamos estar nascendo,
saindo do ventre de nossa mãe com
a idade que temos neste momento.
Qual seria o primeiro sentimento
em sentido absoluto,
isto é, o fator primeiro
da nossa reação perante o real?**

Luigi Giussani

//



A FÓRMULA DO INTINERÁRIO RUMO AO SIGNIFICADO DA REALIDADE

VIVER *intensamente* O REAL

Suponhamos estar nascendo, saindo do ventre de nossa mãe com a idade que temos neste momento, no sentido de termos desenvolvimento e consciência como os possuímos agora. **Qual seria o primeiro sentimento em sentido absoluto, isto é, o fator primeiro da nossa reação perante o real?** Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela **maravilha e fascínio** das coisas, como de uma "presença".

ATINGIDO PELA REAÇÃO. Seria atingido pela reação estupenda a uma presença que é expressa no vocabulário corrente com a palavra "coisa". As coisas! Que "coisa"! O que é uma versão concreta, banal, se preferirem, da palavra "ser". O ser, mas não como entidade abstrata e sim como presença que não é feita por mim, mas que encontro, uma presença que se impõe a mim. Se neste momento eu estou atento, isto é, se sou maduro, não posso negar que a evidência maior e mais profunda que percebo é que *eu não me faço por mim*, não me estou fazendo. Não me dou o ser, não me dou a realidade que sou, sou "dado". É o instante adulto da descoberta de mim mesmo como dependente de uma outra coisa.

A alegria desperta em mim, cada manhã.

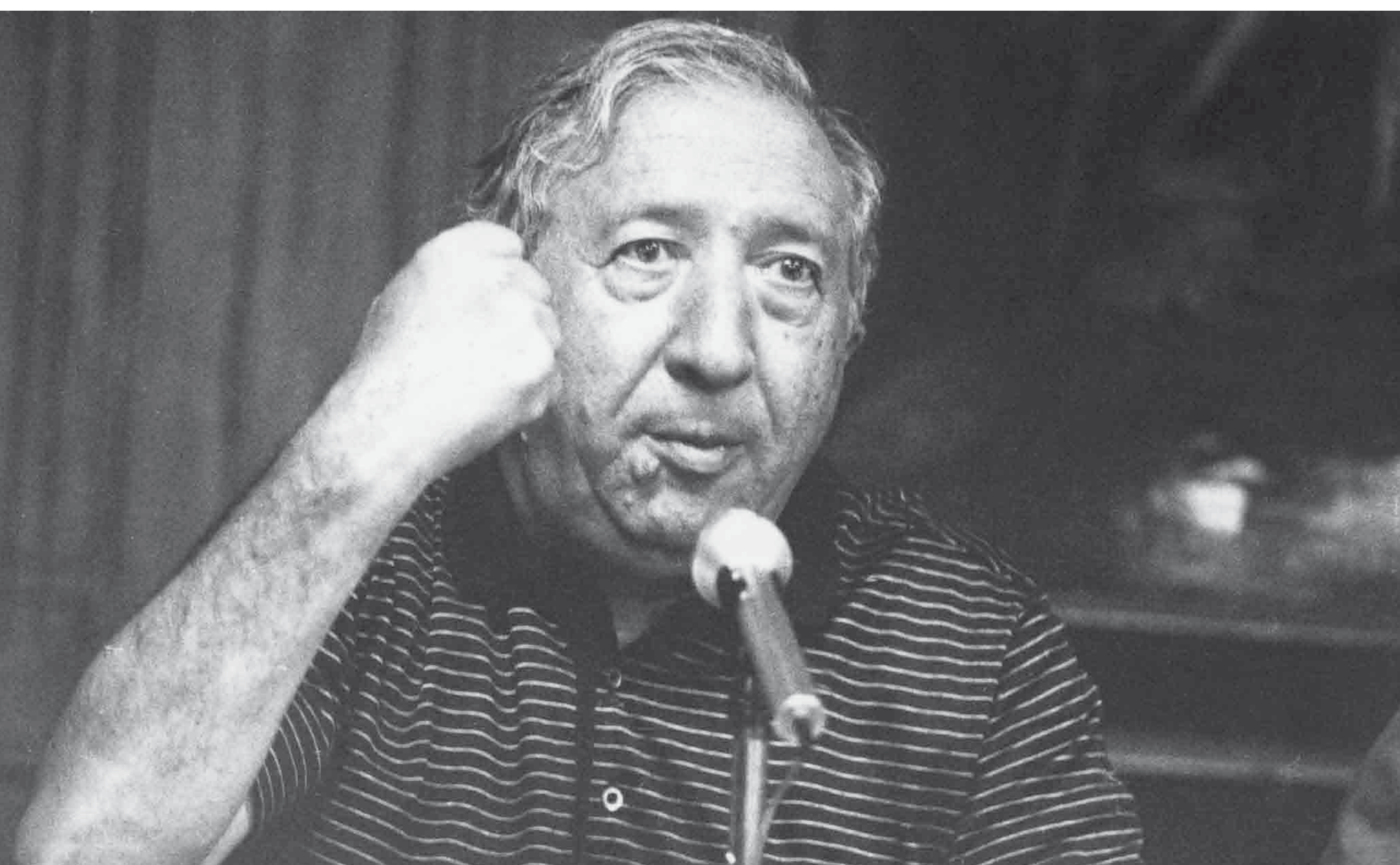
Luigi Giussani

NO IMPACTO COM O REAL. A experiência daquela implicação escondida, daquela presença arcana e misteriosa que se encontra dentro do olhar que se abre para as coisas, dentro da atração que as coisas despertam, dentro da beleza, dentro do maravilhamento cheio de gratidão, de conforto, de esperança, como poderá ser vivida essa experiência complexa, embora simples; essa experiência riquíssima da qual é constituído o coração do homem? Como poderá tornar-se potente? *No impacto com o real.* A única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário rumo ao significado da realidade é **viver o real sem censuras**, isto é, sem renegar nem esquecer nada.

(*O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009)

Mistério eterno Do nosso ser.
Ó natureza humana,
Se em tudo és frágil, vil Se és pó
e sombra, Como no alto vagas?

G. Leopardi





COMO JOÃO E ANDRÉ

O EU RENASCE EM UM *encontro*

Eo primeiro capítulo de São João, que é a primeira página literária a falar disto, fora do anúncio geral: “O Verbo se fez carne” – aquilo de que toda a realidade é feita se fez homem –, contém a memória daqueles que seguiram imediatamente.

“Naquele dia, João estava ainda lá com dois discípulos. Fixando seu olhar em Jesus, que passava, disse...”. Imaginem a cena, então. Entre estas pessoas naquele dia havia também dois que estavam indo pela primeira vez. E João Batista, inesperadamente, olhando fixamente para ele, grita: **“Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo!”**. Mas as pessoas não se moveram, estavam acostumadas a ouvir o profeta de vez em quando exprimir-se com frases estranhas, incompreensíveis, sem nexos, fora de contexto; por isso, a maior parte dos presentes não fez caso daquilo.

CAIAM DE SEUS LÁBIOS. Os dois que vinham pela primeira vez, que ficavam lá escutando João Batista atentamente, olhando para os seus olhos, seguindo os seus olhos para onde quer que girasse o seu olhar, viram que fixava aquele indivíduo que ia embora, **e puseram-se a seguir este indivíduo**. Seguiram-no permanecendo à distância, por temor, por vergonha, mas estranhamente, profundamente, obscura e sugestivamente curiosos.



Eugène Burnand. *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Museu d'Orsay, Paris.

“E foram, e viram onde morava, e ficaram com ele todo o dia. Eram cerca de 4 da tarde.”

E MINHA MÃE FALOU DELE PARA MIM. Aqueles dois, João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, falaram dele às suas esposas, e algumas daquelas mulheres foram com eles. Mas falaram dele também a outros amigos. E os amigos falaram dele a outros amigos, e depois a outros amigos, depois a outros amigos ainda, como um grande fluxo que se alargava, como um grande rio que se alargava, e chegaram a falar a minha mãe – a minha mãe. E minha mãe falou dele a mim, que era pequeno, e eu digo: “Mestre, eu também não entendo o que Tu dizes, mas se te deixamos, para onde vamos? Só Tu tens palavras que correspondem ao coração”.

(“Riconoscere Cristo” in: *Il tempo e il tempio*. Milão: BUR, 2014)

COMO JOÃO E ANDRÉ



Quando encontrei Cristo,
descobri-me homem.

Gaio Mario Vittorino

UM ENCONTRO VIVO. É num encontro que o eu desperta da sua prisão em seu útero original, desperta de seu túmulo, de seu sepulcro, de sua situação fechada da origem e – por assim dizer – “renasce”, toma consciência de si.

A consequência de um encontro é o despertar do sentido da pessoa. É como se **a pessoa nascesse**: não nasce ali, **mas, no encontro, toma consciência de si**; portanto, nasce como personalidade. Toda a aventura começa aqui, não termina aqui.

(L'io rinasce in un incontro. 1986-1987.

Milão: BUR, 2010)



A VIDA É HOJE

MOSTRAR a pertinência DA FÉ

Desde a minha primeira hora de aula, eu sempre disse: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi. E as coisas que lhes direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos”. O respeito a esse **método** caracterizou, desde o início, o nosso empenho educativo, indicando com clareza o seu objetivo: **mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida**. Pela minha formação na família e no seminário, primeiro; posteriormente, pela minha meditação, estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário; tanto é verdade que até a Teologia, durante algum tempo, foi vítima desse desmoronamento.

A FÉ CORRESPONDE ÀS EXIGÊNCIAS DO CORAÇÃO.

Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida e, portanto – este “portanto” é importante para mim –, demonstrar a racionalidade da fé, implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que **a fé exalta a racionalidade quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais do coração de todo homem**, igual em todos: exigência de verdade, de beleza, de bem, de justo (do justo!), de amor, de satisfação total de si que – como muitas vezes ressalto para os jovens – identifica o mesmo conteúdo indicado pela palavra “perfeição” (*satisfacere* ou *satisfieri* em latim é análogo ao termo *perficere*, perfeição: perfeição e satisfação são a mesma coisa, como o são felicidade e eternidade).

Nada é tão absurdo quanto a resposta a uma pergunta que não se fez.

R. Niebuhr

Portanto, entendemos por racionalidade o fato de corresponder às exigências fundamentais do coração humano, aquelas exigências fundamentais com as quais o homem – querendo ou não, sabendo ou não – julga tudo, em última instância julga tudo, de modo imperfeito ou perfeito.

OS EFEITOS DA PRESENÇA DE CRISTO. Por isso, dar a razão da fé significa descrever sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja, na sua autenticidade, aquela cuja “sentinela” é o Papa de Roma. **É a mudança da vida, portanto, que a fé propõe.**

O delito está em conceber, propor e viver a fé como uma premissa que não é mantida, como uma premissa que não tem a ver com a vida. Com a vida: a vida é hoje, porque ontem não existe mais, amanhã não existe ainda. A vida é hoje.

(*Educar é um risco*. Bauru: EDUSC, 2004)



NO COLAPSO DAS EVIDÊNCIAS, A GERAÇÃO DE UM SUJEITO

UMA REVOLUÇÃO

de si

"Verdadeiramente, estamos na condição de ser a vanguarda, os primeiros daquela mudança profunda, daquela revolução profunda que nunca estará – digo: nunca – naquilo que de exterior, como realidade social, pretendamos que aconteça"; com efeito, **"nunca existirá na cultura ou na vida da sociedade, se não existir primeiro [...] em nós. [...] Se não começar entre nós este sacrifício de si... [...] uma revolução de si, na concepção de si [...] sem pré-conceito, sem tentar salvar nada antes"**.

NÃO PRECISAMOS DE OUTRA COISA. "Meço os pensamentos e as ações, os estados de ânimo e as reações, os dias e as noites. Mas, é uma Outra Presença a companhia profunda e a Testemunha completa. Esta é a longa viagem que temos que fazer juntos, esta é a aventura real: a descoberta daquela Presença nas nossas carnes e nos nossos ossos, **a imersão do nosso ser naquela Presença** – isto é, a Santidade. Que é o verdadeiro empreendimento social, também. Por isso, [...] é preciso seguir com coragem e com fidelidade aqueles sintomas dados pelo conjunto de condições nas quais nos encontramos: não precisamos de outra coisa".

(*Vita di don Giussani*. Milão: BUR, 2014)

UMA MODALIDADE SUBVERSIVA E SURPREENDENTE.

"Toda a força do anúncio do nosso Movimento está neste ponto. É **a afirmação da própria felicidade, isto é, da realização de si, é esse o motivo pelo qual vivo a fé, pelo qual reconheço Cristo: a realização de mim mesmo é esse relacionamento.** Mas, eu me realizo no relacionamento com a mulher, no relacionamento com o livro, no relacionamento com o comer, no relacionamento com a montanha, com o passeio! Por isso, o relacionamento com Cristo é a verdade dessas coisas, a verdade dessas coisas está na consciência daquela Presença, na consciência daquela pertença. Em suma, essa é a fé que vive: não é outra coisa, é uma modalidade subversiva e surpreendente de viver as coisas de sempre".

(*Dall'utopia alla presenza*. 1975-1978. Milão: BUR, 2006)

**As forças que movem a história
são as mesmas
que tornam o homem feliz.**

Luigi Giussani



Nunca nos
vimos,
mas é isto
o que vemos
e sentimos
entre nós.
Tchau!
Luigi Giussani



O R O S T O B O M D O M I S T É R I O

“MULHER, não chores!”

“**M**ulher, não chores!”: é esse o coração com o qual somos colocados diante do olhar e diante da tristeza, diante da dor de todas as pessoas com as quais nos relacionamos, pela rua ou na viagem, nas nossas viagens.

FIZ-TE PARA A VIDA. “Mulher, não chores!”. Que coisa inimaginável é que Deus – “Deus”, Aquele que faz o mundo inteiro neste momento –, vendo e ouvindo o homem, possa dizer: “Homem, não chores!”, “Você, não chore!”. “Não chore, porque não é para a morte mas para a vida que eu o fiz! Eu o coloquei no mundo, e o coloquei numa companhia grande de pessoas!”.

UM DESTINO BOM. Existe um olhar e um coração que os penetra até a medula dos ossos e que os ama até o seu destino, um olhar e um coração que ninguém pode desviar, ninguém pode tornar incapaz de dizer o que pensa e o que sente, ninguém pode tornar impotente!

(*Mesmo vivendo na carne, vivo na fé do Filho de Deus.*
Milão: Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2002)

**Nada pode deter a certeza
de um destino misterioso e bom!**

Luigi Giussani

//

**Faço votos de que eu e vocês
nunca estejamos tranquilos!**

Nunca mais tranquilos!

Luigi Giussani

//



N O S E I O D A I G R E J A

NÃO *UM* CAMINHO, mas *o* caminho

1977. PAULO VI AOS ESTUDANTES FLORENTINOS

"SEDE ALEGRES!"

Avós os nossos parabéns! Estamos muito atentos à afirmação do vosso programa que andais difundindo, do vosso estilo de vida, da adesão juvenil e nova, renovada e renovadora, aos ideais cristãos e sociais que vos dá o ambiente católico na Itália.

Nós vos abençoamos, e convosco abençoamos e saudamos o vosso fundador, Dom Giussani. Agradecemos pelos testemunhos corajosos, fortes e fiéis que dais neste momento particularmente agitado, um pouco conturbados por certas tribulações e certas incompreensões pelas quais estais rodeados.

Sede contentes, sede fiéis, sede fortes e sede alegres por levar ao vosso redor o testemunho de que a fé cristã é forte, é alegre, é bela e capaz de transformar realmente em amor e com amor a sociedade na qual está inserida. Parabéns e muitas bênçãos!



Nós cremos em Cristo, morto e ressuscitado, em Cristo presente aqui e agora, o único que pode mudar e muda, transfigurando-os, o homem e o mundo.

João Paulo II



2002. JOÃO PAULO II

"O CAMINHO, QUANTAS VEZES VOSSA REVERENDÍSSIMA O AFIRMOU, É CRISTO."

Voltando com a memória à vida e às obras da Fraternidade e do movimento, o primeiro aspecto que chama a atenção é o empenho dedicado em escutar as *necessidades do homem de hoje*. O homem nunca se cansa de procurar: quando é marcado pelo drama da violência, continua a procurar.

A única resposta que pode satisfazê-lo, tranquilizando esta sua procura, provém do encontro com Aquele que é a fonte do seu ser e do seu agir.

Por conseguinte, o movimento quis e deseja indicar não *um* caminho, mas o caminho para alcançar a solução deste drama existencial. O caminho, quantas vezes Vossa Reverendíssima o afirmou, é Cristo. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, que alcança a pessoa no dia a dia da sua existência. O cristianismo, antes de ser um conjunto de doutrinas ou uma regra para a salvação, é por conseguinte o "acontecimento" de um encontro. Esta é a intuição e a experiência que Vossa Reverendíssima transmitiu durante estes anos a tantas pessoas que aderiram ao movimento.

//
O verdadeiro protagonista da história
é o mendicante: Cristo mendicante
do coração do homem e o coração
do homem mendicante de Cristo.

Luigi Giussani

//



N O S E I O D A I G R E J A

TORNOU-SE *pai de muitos*



2005. JOSEPH RATZINGER

“ENCONTROU CRISTO, A VERDADEIRA ALEGRIA”

Dom Giussani cresceu numa casa – como ele diz – pobre de pão, mas rica de música e, assim, desde o início foi tocado, aliás, ferido, pelo desejo de beleza e não se contentava com uma beleza qualquer, com uma beleza banal: procurava a própria Beleza, a Beleza infinita, e desse modo encontrou Cristo, em Cristo a verdadeira beleza, a estrada da vida, a verdadeira alegria.

Dom Giussani realmente não queria ter a vida para si, mas deu a vida e, por isso mesmo, encontrou a vida não só para si, como também para muitos outros. Tornou-se realmente pai de muitos e, tendo guiado as pessoas, não para si, mas para Cristo, ganhou justamente os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu.

2005. JORGE MARIO BERGOGLIO

“PROFUNDAMENTE HUMANO”

Aceitei apresentar este livro de Dom Giussani [Por que a Igreja] por duas razões. A primeira, mais pessoal, é o bem que, nas últimas décadas, fez a mim, como sacerdote e como homem, através da leitura de seus livros e seus artigos. Mas gostaria de dizer algo mais: Giussani mudou a minha mente, me deu uma hermenêutica a respeito da vida e da fé. Fez bem para mim como cristão e como homem.

A segunda razão é que estou convencido de que o seu pensamento é profundamente humano, pertinente ao homem, e chega até o mais íntimo anseio do homem. Por essas duas razões fico feliz de apresentar este livro.

Manttenham o *frescor do carisma*.
Renovando sempre o “primeiro amor”. Sempre no caminho, sempre em movimento, sempre abertos às surpresas de Deus.

Papa Francisco no Congresso dos movimentos, 2014



O C A R I S M A H O J E

O MAIOR SACRIFÍCIO é dar a vida PELA OBRA DE UM OUTRO

Dar a vida pela obra de um Outro; este “outro”, historicamente, fenomenicamente, como aparência, é uma determinada pessoa; pelo que diz respeito ao Movimento, por exemplo, sou eu. Enquanto digo isso, é como se todo o meu eu desaparecesse (porque o “Outro” é Cristo na sua Igreja); permanece um ponto de referência histórico e todo o fluxo de palavra, todo o rio de obra que nasceu desde o primeiro momento no Colégio Berchet. Perder de vista este traço é perder o fundamento temporal da harmonia, da utilidade do nosso agir, é como pôr rachaduras em um alicerce.

Cada um tem a responsabilidade pelo carisma; cada um é causa de declínio ou de incremento da eficácia do carisma; cada um ou é um terreno em que o carisma se desperdiça ou é um terreno em que o carisma dá frutos.

Portanto, **este é um momento em que, para cada um, a tomada de consciência da responsabilidade é gravíssima como urgência, como lealdade e como fidelidade.** É o momento da responsabilidade que cada um assume para com o carisma.

A LINHA DAS REFERÊNCIAS INDICADAS. Obscurecer ou diminuir estas observações significa obscurecer e diminuir uma intensidade de incidência que a história do nosso carisma tem sobre a Igreja de Deus e sobre a sociedade de hoje. Neste ponto, volta o **efêmero**, porque Deus se serve do efêmero.

Eu posso ser dissolvido, mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto – se Deus quiser – das pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira daquilo que em mim aconteceu, tornam-se o instrumento para a correção e para a ressuscitação; tornam-se **o instrumento para a moralidade.** A linha das referências indicadas é a coisa mais viva do presente, porque um texto pode ser ele próprio interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas pode ser interpretado assim.

Dar a vida pela obra de um Outro implica sempre um nexo entre a palavra “Outro” e algo histórico, concreto, palpável, sensível, descritível, fotografável, com nome e sobrenome. Sem isto, se impõe o nosso orgulho, este, sim, efêmero, mas no pior sentido do termo. Falar de carisma sem historicidade não é falar de um carisma católico.

(*L'avvenimento cristiano*. Milão: BUR, 2003)



Sempre dizia a Dom Giussani: “Serei grato a você para sempre porque, ao me fazer encontrar o Movimento, me permitiu fazer um caminho humano”. Um caminho que me permitiu perceber a natureza do cristianismo e compreender a mim mesmo. Sem a companhia de Dom Giussani, não teríamos chegado a entender o que significa viver a experiência humana e a fé.

Julián Carrón